



Mediatização, cibercultura e educação: vocabulário e processos de ensino aprendizagem na educação profissional

Breno Rodrigo de Oliveira Alencar¹

Pablo Rodrigues Nunes de Souza²

Resumo

A *internet* e as redes sociais têm se tornado, cada vez mais, parte do cotidiano e da aprendizagem de jovens, adolescentes e crianças, o que representa um desafio ao método tradicional de ensino das escolas brasileiras. Sendo assim, a presente comunicação discute a influência dos novos meios de comunicação no processo de ensino-aprendizagem, especificamente, no cotidiano de estudantes do Ensino Médio Integrado à Educação Profissional do Instituto Federal do Pará (IFPA). Os resultados apresentados foram obtidos por meio de revisão bibliográfica, aplicação de questionário e entrevistas junto a estudantes de cursos técnicos integrados ao ensino médio do IFPA, *campus* Belém. Por meio dela, notou-se a existência de um vocabulário social, que oriundo do ciberespaço, participa, crescentemente, dos processos sociais, em especial a educação. Notou-se, ainda, que as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) estão, cada vez mais, presentes no ambiente escolar, participando dos processos de ensino-aprendizagem. Com base nestes resultados, foi possível inferir que a *internet* e as redes sociais não só participam ativamente da socialização e vida da maioria dos alunos, como também são componentes indissociáveis do processo de ensino-aprendizagem tradicional, demonstrando a importância de sua incorporação ao debate sobre o fazer pedagógico.

Palavras-chave: internet, redes sociais, cibercultura, TDIC, educação profissional

Introdução

Tornou-se comum observar e ouvir as gerações mais jovens, especialmente aquelas nascidas após o *boom* da *internet* e, mais recentemente das redes sociais, se comunicarem por meio de expressões que, aos ouvidos menos familiarizados com o avanço tecnológico, parecem ter sido tiradas de algum livro de ficção científica ou sugerirem se tratar de códigos pertencentes a um vocabulário secreto. “Cancelamento”, “shippar”, “mimimi”, “hater”, “emoji”, “gif”, “spoiler”, “viralizar”, “meme”, “lacrar”, “nuvem”, “troll”, “selfie”, “hashtag”, “bolha”, entre outras tantas palavras as quais somos expostos, são exemplos desse universo linguístico que,

¹ Doutor em Antropologia e Sociologia. Professor do Instituto Federal do Pará, *campus* Belém. Líder do Grupo de Pesquisa em Cultura, Educação e Política (GICEP/IFPA) e coordenador do Núcleo de Pesquisa em Educação e Cibercultura (NUPEC).

² Técnico em Desenvolvimento de Sistemas. Graduando em medicina, Universidade do Estado do Pará.

nascido no ambiente das mídias digitais se propagam através do noticiário e acabam por fazer parte do vocabulário de crianças, adolescentes e jovens em idade escolar.

Em seu conjunto, as expressões que compõem o vocabulário da interação humana com e realizada através das chamadas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), isto é, programas, equipamentos e mídias conectados em rede, retratam a combinação de ressignificações da própria sociabilidade “na” rede (Santos; Cypriano 2014), bem como a transformação dos espaços de socialização. Sob esta perspectiva, as TDICs integrados ao nosso cotidiano servindo tanto como mediadores nos espaços privados, a exemplo do papel que exercem nas relações familiares e afetivas, como assumem uma progressiva indissociabilidade no espaço público, a exemplo do entretenimento (basta pensar nas *lives* ocorridas durante a pandemia de Covid-19), do comércio virtual, da prestação de serviços e, cada vez mais, do ambiente da sala de aula (Abreu *et al.* 2013).

Esse cenário, contudo, ainda não recebeu a atenção acadêmica merecida. Conforme aponta Meyrowitz (1986), em virtude do predomínio da “teoria do meio”, segundo a qual as pesquisas na área das TDICs se concentram no conteúdo das mensagens e nas características particulares de cada meio de comunicação, o estudo sobre os impactos das mesmas na socialização, em especial no ambiente escolar, ainda são rarefeitos. O resultado é uma avaliação superficial sobre o uso destas tecnologias como ferramenta de ensino, seja por que são superestimadas como fonte de informação e produção de conteúdo, seja porque são acusadas de comprometer o desenvolvimento psíquico-emocional e a aprendizagem dos estudantes.

Tais características foram objeto de estudo da pesquisa “Educação, cibercultura e mediatização do conhecimento: um estudo sobre o vocabulário social presente nas tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs) e sua influência na sociabilidade e aprendizagem de estudantes do Ensino Médio Integrado do Instituto Federal do Pará, Campus Belém”³ realizada entre agosto de 2019 e agosto de 2020 e que teve como objetivo principal responder a questão: qual é, de fato, o papel das TDICs na sociabilidade existente no ambiente escolar e como sua presença impacta na produção e circulação do conhecimento entre estudantes que pertencem à geração que nasceu sob sua influência de um novo paradigma comunicacional?

³ Este projeto foi financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) através do EDITAL n. 05/2021 – PIBICTI/PROPPG/IFPA, a quem os autores deste trabalho manifestam seu agradecimento.

Seguindo as recomendações de Lupton (2015) quanto a pesquisa envolvendo o impacto das tecnologias digitais no mundo social, a metodologia utilizada para responder esta pergunta foi dividida em três partes: realização de levantamento bibliográfico com vistas à identificação e à interpretação do debate acadêmico que cerca o surgimento e a popularização das TDICs em sua interface com os conceitos de cibercultura e mediatização; aplicação de questionário visando a construção de um banco de dados que permitisse avaliar o desempenho acadêmico e a aprendizagem de estudantes do ensino médio-integrado a partir de sua relação com as TDICs no ambiente escolar; identificação, por meio da checagem de verbetes associados as TDICs disponíveis em acervos digitais de jornais de grande circulação o surgimento e desenvolvimento de expressões que passaram a compor o vocabulário social e orientar a sociabilidade, tanto em contextos de interlocução direta e pessoal como no ciberespaço.

Cibercultura e mediatização

A primeira etapa da pesquisa se deu por meio da leitura, tradução, fichamento e revisão da bibliografia sobre as TDICs, tomando-se como recorte publicações no campo das ciências sociais e discutidas em pesquisa recente (Alencar; Souza 2020). Segundo esta, o aparecimento da *internet* e das redes sociais impulsionou o desenvolvimento de um vocabulário adaptado às novas dinâmicas da sociabilidade humana e a escola é um espaço com importância central neste processo. Uma das razões para isso está no fato de que a produção e circulação do conhecimento vive, desde o aparecimento da *internet*, seu estágio mais democrático, ao mesmo tempo que crítico, pois se antes a figura do professor servia de referência ou “filtro” para a seleção e oferta do conteúdo, cada vez mais é o estudante, em sua relação com a enorme variedade de meios de acesso à informação, que ocupa o protagonismo do processo educativo (Turkle, 2005; Orton-Johnson; Prior 2013).

Dados colhidos na referida pesquisa demonstram que esse protagonismo se exerce por meio do acesso às TICs, em especial os *wikis* e *sites* de busca na *internet*. Mas é nas redes sociais, como Facebook, Youtube, Instagram e WhatsApp, que esse protagonismo é mais acentuado, uma vez que elas servem, ao mesmo tempo, como espaços de socialização e ressignificação do conhecimento. São através das redes sociais que disciplinas ou conteúdos, antes ofertados ou abordados exclusivamente sob a supervisão de um professor, estão cada vez mais submetidos às dinâmicas e propriedades que lhe são inerentes, como o tipo de linguagem, a estética e simbolismo de suas plataformas, as intencionalidades daqueles que aderem às mesmas, o seu alcance no ciberespaço, o potencial de mobilização, a representação social que

possuem e as características mercadológicas que as orientam, cuja interface com algoritmos e o *marketing* são fontes importantes para compreender o gerenciamento de seu conteúdo.

Este cenário tem sido objeto da atenção de pesquisadores que discutem a integração das tecnologias digitais ao ambiente escolar (Kirchner; Karpinski 2010; Batista; Barcelos 2013; Rosado; Tomé 2015; entre outros). Em todos estes estudos, a tendência cada vez maior de acesso *smartphones* e, conseqüentemente, à *internet* e das redes sociais como fonte de informação, incorpora ao debate os impactos destes recursos no cotidiano dos estudantes, nas instituições de ensino que frequentam e em seu ambiente familiar, que podem ir desde a redução no nível de aprendizagem, reflexo do aumento na dificuldade de concentração ante a variedade de informações as quais os estudantes estão expostos, à expansão do acervo audiovisual sobre o conhecimento local, fruto da democratização do acesso e do estímulo ao uso das TDICs como fonte de estudo.

Esta integração ocorre em um duplo movimento sociocultural que tem sido largamente estudado no campo das ciências humanas em interlocução com as áreas da tecnologia e da comunicação. Um primeiro eixo desse movimento se dá com a conexão protagonizada pelo advento do computador pessoal no final do século passado e, mais recentemente dos *smartphones*, o que levou pesquisadores como Escobar, Lévy e Rudiger a criarem o conceito de cibercultura para definirem as construções culturais nas quais as tecnologias não só estão baseadas nelas, como participam delas como invenção cultural, no sentido em que elas “produzem um mundo” (Escobar 1994; Lévy 1999; Rudiger 2011). Nesse mundo, o conjunto das relações sociais, das produções artísticas, intelectuais e éticas dos seres humanos se articulam em redes interconectadas, o que é chamado de ciberespaço.

O ciberespaço, como local de produção de relações, é também um local de produção e circulação do conhecimento. Em sua obra “Cibercultura”, Pierre Lévy (*op. cit.*) analisa este cenário dando atenção especial a educação observando que o futuro papel do professor não será de difusor de conhecimentos, mas de ‘animador da inteligência coletiva’ dos estudantes, estimulando-os a trocar os seus conhecimentos por meio do ciberespaço. Daí, segundo o autor, a necessidade de repensar a função dos sistemas de ensino, aprendizagem e avaliação, demonstrando que o caráter intuitivo proporcionado pelas tecnologias favorece o protagonismo dos estudantes no processo educacional.

Manuel Castells (2002), por sua vez, é o responsável pela convergência entre as análises da chamada sociedade da informação e a cultura da virtualidade real, que veem no ciberespaço o desenvolvimento de uma nova forma de comunicação simbólica responsável pela

reestruturação do sistema capitalista. O resultado disso é o informacionalismo, sistema baseado em redes, cuja penetrabilidade modifica substantivamente a operação e o resultado dos processos econômicos, políticos e culturais. Orientada por uma “lógica de rede” na qual a descentralização do poder e a reconfiguração das agências estabelece para os processos de aprendizagem uma revisão dos lugares tradicionalmente ocupados por instituições de ensino, estudantes e profissionais da educação.

Do ponto de vista educacional isso significa dizer que a revolução da tecnologia da informação favoreceu não apenas uma maior especialização do conhecimento em direção a crescente demanda sociotécnica, mas também sua onipresença, que se expressa no desenvolvimento de empresas especializadas em ferramentas de busca, a criação de *big datas* e no fortalecimento da chamada educação à distância, por exemplo. Como consequência assistimos uma reestruturação produtiva em que o treinamento e valorização da mão de obra passa necessariamente pelo reconhecimento das novas tecnologias como indispensáveis em seu processo formativo, ao passo que o papel das instituições tradicionais de ensino dá cada vez mais lugar a uma educação capaz de combinar recursos tecno-sociais em rede com professores/orientadores capazes de incorporá-los às suas práticas docentes em um cenário de constante inovação.

A este esquema devemos incorporar ainda o papel exercido pelos meios de comunicação, aqui compreendidos como o conjunto de instituições e recursos tecnológicos responsáveis pela produção, armazenamento e circulação de conteúdos simbólicos significativos (Thompson 1998: 19). Esta combinação se impõe pelo fato de que o vocabulário social presente nas TDIC se manifestar e circular por meio de redes, mas sobretudo em razão dos processos simbólicos que atravessam as experiências neste ambiente. Estes processos são formulados e ganham forma através da mídia, cuja dimensão institucional, de acordo com Stig Hjarvard, faz dela uma agente semi-independente com capacidade para realizar mudanças culturais e sociais e à qual outras instituições têm que se adaptar.

Recorrendo ao conceito de midiatização, Hjarvard esclarece que esse poder da mídia resulta do fato de que a sociedade contemporânea é permeada por sua lógica de tal maneira que os processos sociais e culturais não podem ser separados dela. Tais processos, por sua vez,

são caracterizados por uma *dualidade* em que os meios de comunicação passaram a estar *integrados* às operações de outras instituições sociais ao mesmo tempo em que também adquiriram o status de instituições sociais em *pleno direito*. Como consequência, a interação social – dentro das respectivas

instituições, entre instituições e na sociedade em geral – acontece através dos meios de comunicação (Hjavard 2013: 17).

Do ponto de vista educacional a midiatização corresponde, portanto, a difusão e assimilação de processos simbólicos nos quais a presença das mídias orienta o discurso sobre o saber e as representações e práticas em torno do aprendizado. Ao lado do currículo formal, estudantes, profissionais da educação e instituições de ensino estariam, portanto, sendo progressivamente afetados por uma lógica que combina redes e meios de comunicação, responsável por desterritorializar o conhecimento transformando a circulação de textualidades, narrativas e signos em um aspecto central do processo pedagógico. Em outras palavras, as TDICs estão cada vez mais integradas aos processos sociais assim como participam cada vez mais da elaboração de um novo e dinâmico vocabulário social que serve tanto para compreender a linguagem dos atores que fazem uso dessas tecnologias, como também para diagnosticar os seus efeitos sobre o comportamento.

Cibercultura e midiatização são, portanto, conceitos ou categorias que nos ajudam a ilustrar o cenário atual do ambiente educacional no ciberespaço, na medida em que atuando como chaves interpretativas permitem ver nas TDIC tanto um canal para novas formas de escolarização e aprendizagem como um novíssimo espaço de interação e sociabilidade (Santos; Cypriano *op. cit.*) para além do ambiente da sala de aula.

Aprendizagem e vocabulário social no ciberespaço

Nesta seção do trabalho procuramos avaliar os impactos da tecnologia informacional sobre o comportamento, sociabilidade e aprendizagem dos estudantes analisando os modos de apropriação e os processos de assimilação do seu conteúdo no cotidiano escolar. Para isso recorreremos aos resultados da aplicação do *Questionário de Acompanhamento do Usuário de Tecnologias Digitais* (adaptado de Kirschner; Karpinski *op. cit.*) junto a 103 estudantes matriculados em um dos 13 cursos de ensino médio integrado do Instituto Federal do Pará, *campus Belém*⁴, bem como aos resultados da análise de entrevistas semiestruturadas realizadas

⁴ O acesso aos estudantes que preencheram este questionário se deu em três momentos. Por ocasião do evento “Discurso de Ódio na Internet” realizado pelo Projeto de Extensão “Conscientiza IFPA” no Auditório Central do Instituto Federal do Pará no dia 26 de setembro de 2019 no horário entre 16h e 18. Na oportunidade, foram entregues 100 questionários em forma de papel contendo 27 questões de múltipla escolha. Ao final do evento foram devolvidos 50 questionários, dos quais 26 foram respondidos por estudantes do grupo amostral selecionado. Estas respostas foram, em seguida, inseridas em um banco de dados criado no programa Excel. Após esse primeiro momento o questionário sofreu alterações a fim de corrigir a ordem dos itens e melhorar a formulação das questões apresentadas, conforme sugestões apresentadas pelos próprios respondentes. Após sua revisão o Questionário foi

com 16 estudantes pertencentes a esta amostra⁵. A aplicação do questionário combinada a realização das entrevistas teve como objetivo analisar o perfil sociodemográfico dos estudantes, avaliar o contexto de acesso à *internet* e às redes sociais, o significado de ambas em sua experiência social, a relação da *internet* com o aprendizado escolar e suas competências para avaliar a confiabilidade das fontes de pesquisa e o conhecimento sobre o vocabulário associados às tecnologias digitais.

A aplicação do questionário resultou em um banco de dados cujos resultados foram divididos em dez (10) categorias⁶, dos quais vamos nos ater a quatro (04): perfil sociodemográfico da amostra; local de acesso, frequência de uso e visão das TDIC; relação com o aprendizado escolar; e verificação e confiabilidade junto às fontes de pesquisa.

Em relação ao perfil sociodemográfico dos estudantes, iniciamos tratando de sua distribuição segundo a matrícula nos cursos da instituição:

enviado em formato eletrônico por meio do Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA) com indicação do link para o preenchimento na plataforma Google Forms para 147 estudantes matriculados no ensino médio integrado do IFPA/Campus Belém selecionados aleatoriamente a partir da lista de frequência dos 13 cursos técnicos ofertados pela instituição. Este questionário ficou disponível para ser acessado entre os dias 14 de novembro de 2019 e 08 de fevereiro de 2021. Durante este período, ele foi preenchido por 103 estudantes.

⁵ Estas entrevistas foram realizadas com base em formulário e em 3 momentos e formas diferentes. Em um primeiro momento fora realizada 1 entrevista presencialmente com 1 estudante do curso técnico de Desenvolvimento de Sistemas em 10 de março de 2020. Em um segundo momento foram realizadas 2 entrevistas indiretamente com estudantes do curso técnico de Química, os quais responderam às perguntas do formulário através de e-mail nos dias 25 e 26 de março de 2020. Por fim, foram realizadas 13 entrevistas com estudantes dos cursos técnicos de Edificação e Desenvolvimento de Sistemas no dia 6 de fevereiro de 2021 por webconferência como parte do processo avaliativo referente à disciplina Sociologia III. Cabe ressaltar que as entrevistas realizadas indiretamente ocorreram desta forma em razão dos problemas de acesso pessoal aos estudantes gerados pela pandemia do Novo Coronavírus (Covid-19). Durante a entrevista presencial foi utilizado o gravador para registro das informações. Já as entrevistas realizadas por meio de webconferência foram gravadas e salvas em arquivo de vídeo. Estas entrevistas foram, em seguida, transcritas e compuseram o relatório de transcrição por meio do qual foram analisados, comparados e selecionados os discursos segundo os “procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (Bardin 1977: 34).

⁶ Para análise destes dados, recorremos ao método estatístico, segundo o qual, tem-se a oportunidade de identificar regularidades (padrões e tendências) de fenômenos sociais e, com isso, formular generalizações e correlações entre as variáveis observadas.

| Curso | Frequência | Percentual (%) |
|-----------------------------|-------------------|-----------------------|
| Desenvolvimento de Sistemas | 35 | 34,0 |
| Eletrônica | 14 | 13,6 |
| Telecomunicações | 12 | 11,7 |
| Edificações | 9 | 8,7 |
| Mineração | 7 | 6,8 |
| Outros cursos | 26 | 25,2 |
| Total | 103 | 100,0 |

Tabela 1 Distribuição dos estudantes pertencentes ao ensino-médio integrado do Instituto Federal, Campus Belém, segundo o curso em que estavam matriculados.

Fonte: Questionário de Acompanhamento do Usuário de Tecnologias Digitais (adaptado de Kirschner; Karpinski 2010).

A Tabela 1 demonstra que a maioria dos estudantes que preencheram o questionário pertencem aos cursos de Desenvolvimento de Sistemas, Eletrônica e Telecomunicações, formações ligadas ao objeto desta pesquisa, isto é, as tecnologias digitais, demonstrando, assim, que o preenchimento do questionário levou em conta a curiosidade e a disposição do estudante pelo tema, cujo interesse é despertado pela aproximação com sua área de formação. Em relação à etapa de ensino, notou-se que 34% dos estudantes estavam matriculados no primeiro ano do ensino médio, 36% estavam frequentando o segundo ano do mesmo nível, enquanto 30% estudantes estavam matriculados no terceiro ano. Quando questionados sobre o seu sexo, 53% dos estudantes se identificaram com sexo masculino enquanto 47% se identificaram com o sexo feminino. Em relação à faixa etária, a média de idade do grupo foi de 16,9 anos, tendo variado de 14 a 20 anos.

Em relação ao acesso às tecnologias digitais, em especial à *internet* e às redes sociais, 65% dos estudantes informaram fazê-lo utilizando *wifi* e/ou pacote de dados, 33% exclusivamente por meio de *wifi* e 4% apenas por meio de pacote de dados. Quanto ao meio utilizado para este acesso, o celular ou smartphone é o meio mais comum de acesso à *internet* e as redes sociais, uma vez que 61% dos estudantes realizam seu acesso exclusivamente utilizando este recurso. Os demais informam que realizam este acesso por meio de computador ou PC (7%), *notebook* (12%) ou combinando ambos com o *tablet* (31%).

Além do acesso os estudantes informaram que possuem em média 5 anos e 3 meses de experiência de acesso à *internet* e as redes sociais, tendo iniciado o mesmo na passagem da infância para a adolescência, por volta dos 11 anos e 6 meses de idade, principalmente em razão

do interesse em acessar redes sociais como Orkut e Facebook. Este acesso se deu em sua maioria através do uso de computadores ou celulares de terceiros, em especial parentes, como irmãos, tios, avós e mães. Segundo os estudantes, a condição econômica familiar é a principal razão para que eles dependessem de um computador ou *smartphone* de terceiros.

Ao tratarem deste acesso, os estudantes também se preocupam em distinguir a *internet* das redes sociais demonstrando que o acesso à *internet* na infância se deu por curiosidade ou necessidade de comunicação entre diferentes locais, pesquisa de conteúdo e aprendizado escolar, enquanto o acesso às redes sociais se deu mais próximo da adolescência por facilitar a comunicação com colegas de classe ou interagir com ou conhecer outras pessoas.

| Entrevistado | <i>Internet</i> | Rede social |
|--------------|--|---|
| 4 | “[...]eu vejo como uma plataforma que busca facilitar a comunicação, a conexão entre pessoas de um país para o outro e entre um lugar e o outro” | “eu penso que seria esse espaço virtual para facilitar a comunicação entre pessoas” |
| 5 | “A <i>internet</i> , uma relação que eu tenho com ela, é de forma de aprimoramento, aprender mais” | “[...]a rede social é uma forma que eu tenho de me comunicar com pessoas distantes, criar um contato maior com pessoas distantes de mim” |
| 8 | “A <i>internet</i> é um sistema de comunicação, de buscas e pesquisa.” | “A rede social é algo dentro da <i>internet</i> que a gente usa pra se comunicar.” |
| 14 | “[...] <i>internet</i> pra mim é onde eu posso ter a oportunidade de pesquisar, conhecer outras coisas, complementar o estudo, complementar várias outras coisas que a gente participa, por exemplo, disciplinas, sala de aula a gente pode complementar na <i>internet</i> .” | “Rede social pra mim é onde podemos colocar nossas experiências de vida, onde a gente pode acompanhar pessoas ou até mesmo <i>sites</i> de notícias e informações.” |

Quadro 1 Percepção dos estudantes quanto a diferença e uso da *internet* e da rede social.

Fonte: Relatório de Transcrição de Entrevista.

Já em relação à frequência de acesso à *internet* ou as redes sociais, 31,1% dos estudantes informaram que o fazem a cada 10 minutos, 24,3% a cada 30 minutos, 33% de hora em hora,

8,7% uma vez ao dia, 1% uma vez por semana, enquanto 2% não forneceram tal informação. Este dado demonstra que a maior parte dos estudantes (57%) acessa tecnologias digitais com uma frequência muito alta, sugerindo que a mesma ocupa um tempo muito grande em seu cotidiano. O principal local onde este acesso ocorre, por sua vez, é a residência dos estudantes, conforme 89,3% deles demonstram. O acesso às tecnologias digitais apenas na escola é realizado por 6,8% dos estudantes, enquanto 3,9% afirmam que acessam tanto em sua residência como na escola.

Quando perguntados sobre o acesso à *internet* e as redes sociais no ambiente escolar, 76,8% dos estudantes informaram que o fazem durante o intervalo, enquanto 7,8% afirmam fazê-lo durante a aula. O mesmo percentual foi observado entre aqueles que acessam a *internet* e as redes sociais em atividades extraclasse⁷. Quando perguntados se o acesso às tecnologias digitais tem por objetivo complementar o conteúdo obtido em sala de aula, 91,2% dos estudantes responderam positivamente enquanto 8,7% afirmaram que não.

Esta segmentação se repete quando os estudantes são questionados quanto a contribuição destas ferramentas para o seu aprendizado, uma vez que 93% dos entrevistados acreditam que estas ferramentas podem servir tanto de fonte de pesquisa como complemento aos conteúdos oferecidos pelos professores em sala de aula, enquanto 7% negam haver essa relação. Nas entrevistas, os estudantes também lembram que é através da *internet* que os estudantes afirmam encontrar dados científicos, pesquisas, trabalhos e outras fontes de informação que lhes permite aprofundar o conhecimento escolar, embora ressaltem que a instituição e a maioria dos professores resistem ou não estão preparados para utilizá-la como ferramenta de estímulo e acesso ao conhecimento.

⁷ Uma análise mais atenta sugere haver contradição entre os dados relativos ao local de acesso e o momento de acesso às tecnologias digitais. Isto porque, embora afirmem que na maioria das vezes acessam a *internet* apenas em casa, os estudantes não deixam dúvida de que também o fazem no ambiente escolar, principalmente durante o intervalo das aulas. Isto tanto pode indicar que o questionamento sobre o local de acesso não tenha ficado suficientemente claro no questionário, como demonstrar que a finalidade do dele se dá de maneira distinta nos dois lugares.

| Entrevistado | Respostas |
|--------------|--|
| 4 | “[...] eu acho que a escola não está preparada, não está dando suporte para os professores, não está tendo uma metodologia de lidar com esse novo mundo, que é uma coisa irreversível, esse mundo cibernético.” |
| 9 | “[...] eu uso o que o professor passa na aula como um gancho para me aprofundar na <i>internet</i> , eu uso a <i>internet</i> como meio de aprofundamento de conhecimento.” |
| 12 | “Na sala de aula, o contato com o professor é bastante importante, você tirar aquela dúvida na hora... Acho que é bem importante. Mas em contrapartida, a função de aprender mesmo em si os assuntos, ter um conhecimento geral, a <i>internet</i> cumpre um papel bem parecido com o da escola.” |
| 14 | “Na <i>internet</i> , você pesquisa o que você quer. Na sala de aula, a gente pode, com um assunto de uma certa matéria dada, a gente vai discutindo e levando pra outras áreas.” |
| 15 | “[...] o conteúdo da <i>internet</i> eu gosto de usar como uma complementação ao que é dado em sala de aula.” |
| 15 | “Eu acredito, pelo menos, que o IF não tenha dado treinamento pra alguns professores, alguns ficaram muito atrapalhados e tiveram que pegar ajuda de nós, alunos, para dar aula.” |
| 16 | “[...] quando a gente fala de sala de aula, a gente fala de uma formação, de todo um preparo, de todo um material didático que o professor arrecadou de anos e anos de pesquisa. Quando a gente fala de <i>internet</i> , a gente fala para ela complementar, a gente não fala para ela fazer o papel do professor, mas a gente fala para complementar, tirar dúvidas e essas coisas assim.” |

Quadro 2 Avaliação quanto a utilização e impacto das mídias digitais sobre o aprendizado escolar.

Fonte: Relatório de Transcrição de Entrevista.

Por outro lado, a visão sobre as redes sociais se divide, podendo ser consideradas pouco úteis para o aprendizado em razão da distração que notícias, memes e jogos eletrônicos podem produzir em seus momentos de estudos, como ser fonte de troca de informações com colegas e professores sejam utilizadas (com algum grau de desconfiança) com grande frequência. Além disso, a rede social Youtube é apontada como a mais importante fonte de obtenção de conteúdos extracurriculares, sendo recorrentemente utilizado para complementar temas abordados em sala

de aula, apesar dos próprios estudantes reconhecerem que a mesma também é fonte de distração, em razão dos algoritmos que segundo os mesmos desviam sua atenção para conteúdos considerados mais atraentes, como *shows* de *stand-up comedy*, vídeos de jogos eletrônicos, clipes de músicas, entre outros.

Uma vez que os estudantes demonstram que as redes sociais e a *internet* são um importante complemento do aprendizado, resta saber como isso é utilizado em sua prática cotidiana no ambiente escolar. Um caminho para se chegar a esse dado se deu analisando o modo como os estudantes recorrem a estas ferramentas em sala de aula. Neste sentido, 70% dos estudantes informam que já questionaram o conteúdo apresentado pelo professor a partir de pesquisa realizada na *internet* ou redes sociais, enquanto 30% indicam que não a utilizam para este fim. Ao mesmo tempo, 80% dos estudantes afirmam ter utilizado as redes sociais e a *internet* para confirmar ou refutar conteúdo apresentado pelo docente, enquanto 22,3% negam tê-lo feito.

A pesquisa também procurou saber sobre o momento em que o acesso às tecnologias digitais com a finalidade de questionar, confirmar ou refutar o conteúdo apresentado em sala de aula se dá. Neste sentido, identificou-se que 16% dos estudantes o fazem durante a aula, 64% logo após a aula, enquanto 20% tanto durante quanto após a aula. Quanto à frequência com que realizam este tipo de acesso, 20% dos estudantes informaram que passam menos de uma hora por dia dedicado a esta atividade, 25% mais de uma hora por dia, enquanto 25% o fazem todo dia e 30% ao menos uma vez por semana.

Ao correlacionarmos os dados sobre o acesso às tecnologias digitais no ambiente escolar constatamos, portanto, que, na maioria das vezes (84,4% em média), sua utilização é incorporada pelos estudantes do ensino médio-integrado como recurso a sua aprendizagem, podendo destinar-se a complementação, aperfeiçoamento, avaliação ou questionamento do conteúdo apresentado pelos docentes. Isto ocorre principalmente após a aula e ao menos uma vez por semana.

Quanto à fonte consultada, a fim de complementar, avaliar e/ou refutar o conteúdo apresentado em sala de aula, 36% dos estudantes afirmaram que recorrem exclusivamente a buscadores como Google e Bing. Outros 64% afirmam também a redes sociais como Facebook, WhatsApp, Twitter, Instagram e Youtube. Em relação ao cuidado tomado pelos estudantes quanto a verificação das fontes consultadas a pesquisa demonstra que, na maioria das vezes, os estudantes se preocupam com a veracidade do conteúdo acessado, uma vez que 50,5% dos

estudantes se preocupam em fazê-lo sempre, 34% de fazê-lo às vezes, enquanto 15,5% afirmam nunca checar a veracidade ou origem do conteúdo.

Ao serem perguntados sobre a confiabilidade das informações obtidas no ciberespaço, os estudantes entrevistados argumentam que se preocupam em checar/consultar diferentes fontes, mesmo quando o professor indica uma ou mais fontes determinadas. Como a consulta no aplicativo de busca do Google é a fonte primária, a dúvida diante do que podem considerar “informação absurda” os leva a buscas em sites de jornais de grande circulação que consideram “confiáveis” como G1, Folha de São Paulo, Estado de São Paulo, Diário Online, O Globo, entre outros. Além disso, consultam também seus responsáveis e colegas de classe, embora esperem que a resposta final às suas indagações seja fornecida por seus professores.

Além das informações disponíveis nas diferentes mídias, cujo acesso é facilitado pelas diferentes tecnologias à disposição do estudante, a instituição também coloca a sua disposição o Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA) onde os professores podem inserir o conteúdo apresentado em sala de aula. Em relação ao uso desse sistema, 89,3% dos estudantes afirmaram que utilizam o mesmo como fonte para consulta ao conteúdo das disciplinas, enquanto 10,7% não o utilizam. Por sua vez, aqueles que aprovam o seu uso correspondem a 78,6%, enquanto 21,4% desaprovam o uso desta plataforma.

Já em relação ao acesso ao *site* e as páginas e perfis do Instituto Federal na Internet e nas redes sociais, 29,1% dos estudantes afirmam acessá-los todos os dias, 42,7% afirmam visitá-los uma vez na semana, 19,4% informaram fazê-lo uma vez por mês enquanto 8,7% afirmam nunca terem acessado.

A consulta às fontes não parece ser a única forma de se obter conteúdo para a aprendizagem. Os estudantes também demonstraram durante a pesquisa que o conhecimento obtido através dos conteúdos apresentados pela instituição tende a ser posto em circulação através do seu compartilhamento em redes sociais, embora não pareça que esta seja a finalidade deles. Sobre este aspecto notou-se que 94,2% dos estudantes afirmam pertencer a algum grupo de troca de mensagens, ao passo que apenas 5,8% negam fazer parte. Também foi possível obter que 53,4% dos estudantes compartilham os resultados de seu aprendizado nestes grupos, enquanto 46,6% negam fazê-lo. Quanto à finalidade destes grupos, 60,2% dos estudantes consideram que o mesmo dedica mais tempo à troca de mensagens pessoais do que ao compartilhamento de informações relativas ao conteúdo das disciplinas.

Por fim, os estudantes foram questionados sobre o uso das tecnologias digitais como fonte de divulgação pessoal da aprendizagem ou do ambiente escolar como forma de

reconhecimento e valorização deste espaço como algo significativo em suas vidas. Em relação à divulgação da aprendizagem, 10,7% dos estudantes se dedicam a algum *blog* ou perfil nas redes sociais voltados à publicação do que aprendem na instituição, ao passo que 89,3% não se dedica a este tipo de atividade. Quanto ao uso das redes sociais para registro de imagem pessoal (*selfie*) com informações sobre o ambiente escolar, 33% afirmam fazê-lo, enquanto 67% o negam.

De modo geral, os estudantes demonstram ser capazes de distinguir o uso e a função das tecnologias digitais, enfatizando que ambas têm um papel proeminente em seu processo formativo. A *internet* sendo uma importante fonte de acesso à informação, podendo ser considerada complementar àquela exercida pelos docentes em sala de aula, enquanto as redes sociais ocupam um importante lugar na troca dessas informações, embora também sejam desagradáveis fontes de distração no processo de ensino-aprendizagem.

As entrevistas também foram dedicadas a avaliar a presença e emprego do vocabulário social associado às tecnologias digitais. Entendendo o vocabulário social no ciberespaço como o conjunto de conceitos, noções e representações capazes de traduzir a sociabilidade existente nos sistemas de comunicação mediados por computadores esta etapa da pesquisa se dedicou a revisão dos verbetes associados às mídias digitais estudados em pesquisa anterior (Alencar; Souza *op. cit.*). A revisão destes verbetes foi realizada com base na consulta aos acervos virtuais de jornais brasileiros de grande circulação, nos quais a frequência dos mesmos em sua base de dados foi tomada como parâmetro para avaliar se a sua circulação no ciberespaço alcançava o ambiente escolar. Para obter este parâmetro foi realizada checagem, quantificação e classificação dos termos adotando como recorte temporal para esta coleta o período compreendido entre os anos 2000 e 2019.

Por meio do emprego desta metodologia quisemos demonstrar que os processos de socialização contemporâneas devem reconhecer no ciberespaço um espaço de subjetivação e, portanto, de produção de significados. Neste sentido, todas as expressões que ganharam o vocabulário social representando valores, crenças e padrões de comportamento originados no e associados ao ciberespaço foram mapeadas, catalogadas e classificadas. Esta técnica permitiu identificar os seguintes vocábulos: redes sociais, *selfie*, *meme*, algoritmo, *fake news*, viral, *troll/trollagem*, *hater*, *cyberbullying*, *crush*, bolha, cancelamento, lacrar/lacração, pós-verdade, linchamento virtual; cuja recorrência na imprensa brasileira pode ser encontrada na tabela abaixo:

| Verbetes | Registro de aparecimento | Total |
|------------------------|---------------------------------|--------------|
| rede social | Antes de 2000 | 69.014 |
| <i>selfie</i> | 2013 | 4.172 |
| <i>meme</i> | Antes de 2000 | 2.431 |
| <i>fake news</i> | 2006 | 2.208 |
| viral | Antes de 2000 | 1.826 |
| <i>troll/trollagem</i> | Antes de 2000 | 817 |
| <i>hater</i> | 2008 | 259 |
| <i>cyberbullying</i> | 2005 | 227 |
| <i>crush</i> | Antes de 2000 | 208 |
| bolha | 2010 | 199 |
| cancelamento | 2018 | 91 |
| lacrar/lacração | 2016 | 76 |
| pós-verdade | 2016 | 65 |
| linchamento virtual | 2015 | 45 |

Tabela 2 Registro de aparecimento e recorrência de verbetes selecionados associados ao ciberespaço presentes em jornais de grande circulação no Brasil entre 2000 e 2019.

Fonte: Acervo Digital dos jornais Folha de São Paulo, O Globo, O Estado de São Paulo e Correio Braziliense (2000-2019).

De acordo com esta tabela, podemos notar uma variação nos registros de aparecimento nos jornais selecionados e de recorrência dos vocábulos, ficando claro que “rede social” foi o mais empregado pela imprensa brasileira no período analisado, enquanto “cancelamento”, “lacrar/lacração”, “pós-verdade” e “linchamento virtual”, possuem uma frequência menor e aparecem no vocabulário da mídia em anos recentes. Isto se deve ao próprio desenvolvimento do vocabulário social no ciberespaço, no qual “redes sociais” estão associadas, no caso brasileiro, ao surgimento do Orkut e, posteriormente, do Facebook ao longo da década de 2000 e se popularizado nos anos 2010, ao passo que “cancelamento/cultura do cancelamento” e “lacrar/lacração” são contemporâneas de uma linguagem recentemente incorporada às mídias digitais.

Para compreender a lógica que marca essa diferença, mas também o sentido que estes termos possuem em relação ao objeto deste estudo, a pesquisa elaborou um glossário que teve como objetivo dimensionar a presença e o emprego de palavras, conceitos ou expressões que representem modalidades emergentes de referenciação do mundo produzidas com o surgimento e o desenvolvimento das tecnologias digitais. A segunda parte desta etapa da pesquisa se valeu

deste glossário para avaliar sua presença no vocabulário dos estudantes e seu emprego e significação no contexto da aprendizagem e da sociabilidade. A metodologia utilizada nesta etapa da pesquisa recorreu a um formulário em que os estudantes selecionaram, dentre os verbetes presentes no glossário, aqueles que mais conheciam com o objetivo de descrever seu significado.

O resultado obtido com esta metodologia conseguiu demonstrar que além de estarem presentes no vocabulário dos estudantes estes verbetes assumem uma significação conceitual, podendo descrever um conjunto de experiências sociais. Em razão do espaço disponível neste texto limitaremos aos 4 verbetes mais conhecidos pelos estudantes: *meme*, *selfie*, *fake news* e *hater*.

O termo *meme* surgiu em 1976 no livro de Richard Dawkins (*O Gene Egoísta*), que o denominou como um par semelhante ao “gene”, ou seja, uma imitação da representação biológica natural que compõe o ser humano. O termo, contudo, migrou ao longo das últimas décadas do meio acadêmico para o ciberespaço e, de acordo com Bressane (2013), passou a se referir a qualquer vídeo, imagem, montagem e frases de efeito que se espalham rápida e repentinamente nas redes sociais.

Embora compartilhem desta visão os estudantes entrevistados consideram que para sua replicação o meme também deve guardar relação com o humor: “Algo que é intensamente compartilhado nas redes sociais e possui algum humor ou ironia”; “[...] imagem, frase, vídeo, expressão, um trecho de um texto, *etc.*, compartilhada rapidamente através da Internet, geralmente com um teor humorístico ou para zoar uma situação ou alguma pessoa”; “Vídeos e fotos bem humorados; piadas construídas com tendências da atualidade”.

Selfie, por sua vez, é uma palavra inglesa que entrou para o vocabulário social quando se popularizou seu emprego para descrever uma nova forma de autorretrato, isto é, o ato de tirar uma foto de si próprio em geral usando um *smartphone* com a finalidade de compartilhá-la nas redes sociais. Ao definirem o que entendem por *selfie* os estudantes também recorreram a este significado, mas também deram ênfase ao seu papel social, demonstrando que a *selfie* contém “traços da personalidade” ou “expressa a identidade de quem se fotografa”, acenando, assim para o que afirma Santos (2016), ao analisar esta prática como uma forma de se comunicar em que o fotógrafo é sujeito e objeto simultaneamente.

Outra expressão que se popularizou em tempos recentes e que circula no ciberespaço e no vocabulário dos estudantes que participaram da pesquisa é a expressão inglesa *fake news* utilizada para designar “notícias falsas”. Embora seja frequentemente utilizada pelo meio

jornalístico para descrever a distribuição deliberada de desinformação ou boatos, o termo se popularizou ao longo de 2017, durante a campanha à presidência dos Estados Unidos do empresário Donald Trump, que passou a acusar a imprensa local de produzir noticiário negativo a seu respeito. Assim como ocorreu com *selfie* em 2013, a popularização da expressão *fake news* naquele ano fez dela a palavra do ano pelo Dicionário Oxford.

Fortemente associadas às redes sociais, na medida em que este é considerado um ambiente propício à sua reprodução, o termo também é conhecido dos estudantes que lhe dão um significado altamente negativo: “Termo usado para referir-se a falsas informações divulgadas, principalmente, em redes sociais. As *fake news* também podem ser usadas para criar boatos e reforçar um pensamento, muitas vezes por meio de mentiras e da disseminação de ódio”; “Notícias falsas e manipuladas com intuito de gerar desinformação, denegrir a imagem de figuras públicas e instituições”; “notícias falsas ou fatos distorcidos com objetivo de influenciar determinados grupos de pessoas”; “Notícias falsas; mentiras veiculadas como verdades e que enganam muitas pessoas”.

Por fim, *hater*, outra palavra de origem inglesa, está entre as expressões mais conhecidas pelos estudantes. Utilizada para definir pessoas ou *bots* (robôs automatizados) que se utilizam de comentários agressivos ou ameaçadores nas redes sociais para falar mal ou censurar outras pessoas, os *haters* são considerados pela literatura como os principais disseminadores do discurso de ódio e da prática de *cyberbullying* (Ramos 2018). Para os estudantes entrevistados, contudo, o *hater* tem um alcance ainda mais amplo: “pessoa que por não gostar de outra pessoa realiza ataques virtuais com discursos de ódio, *cyberbullying* e promove um linchamento virtual do desafeto em questão”; “Termo geralmente usado na Internet para classificar uma pessoa que gere comentários de ódio ou críticas levantadas sem muito critério”; “Usuários que disseminam ódio gratuito contra figuras da *internet* ou até mesmo de fora dela”; “Pessoa que difama, persegue e xinga determinada pessoa pela *internet*”; “Pessoa que dissemina o ódio em determinado assunto, aproveitando-se da anonimidade de seu perfil”.

Referências

ABREU, Cristiano N. de; EISENSTEIN, Evelyn; ESTEFENON, Susana G. B. 2013. *Vivendo esse mundo digital: impactos na saúde, na educação e nos comportamentos sociais*. Porto Alegre: Artmed.

- ALENCAR, Breno R. O.; SOUZA, Pablo R. N. de. 2020. *Educação, cultura e tecnologias digitais: um estudo sobre a midiatização no contexto escolar e os seus impactos sobre o aprendizado de estudantes do Ensino Médio Integrado do Instituto Federal do Pará (Campus Belém)*. Relatório Final de Pesquisa, Edital 03/2019/PIBICT, IFPA, Campus Belém.
- BARDIN, Laurence. 1977. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- BATISTA, Silvia C. F.; BARCELOS, Gilmara T. 2013. Análise do uso do celular no contexto educacional. *Novas tecnologias da Educação*, 11(1): 1-10.
- BRESSANE, Ronaldo. Guerra dos memes. *Piauí*, n. 33, 2013. Disponível em: <http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-82/esquina/guerra-dos-memes>. Acesso em: 21 set. 2019.
- CASTELLS, Manuel. 2002. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra.
- ESCOBAR, Arturo *et al.* 1994. Welcome to Cyberia: notes on the anthropology of cyberculture. *Current Anthropology*, 35(3): 211-231.
- HJARVARD, Stig. 2013. *The mediatization of culture and society*. New York: Routledge.
- KIRSCHNER, Paul; KARPINSKI, Aryn C. 2010. Facebook® and academic performance. *Computers in human behavior*, 26(6): 1237-1245.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. 1999. São Paulo: Editora 34.
- LUPTON, Deborah. *Digital sociology*. 2015. London and New York: Routledge.
- MEYROWITZ, Joshua. 1986. *No sense of place: The impact of electronic media on social behavior*. Nova York: Oxford University Press.
- ORTON-JOHNSON, Kate; PRIOR, Nick (eds.). 2013. *Digital Sociology: Critical Perspectives*. New York: Palgrave Macmillan.
- RAMOS, Marcella. A revolta dos trolls, e a vingança na justiça: questões da rede. *Piauí*, 10 jul. 2018. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/nao-alimente-os-trolls-confronte-os-na-justica/>. Acesso em: 21 set. 2019.
- ROSADO, Luiz A. S.; TOMÉ, Vitor M. N. 2015. As redes sociais na internet e suas apropriações por jovens brasileiros e portugueses em idade escolar. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, 96(242): 11-25.

RUDIGER, Francisco. 2011. Cultura e Cibercultura – princípios para uma reflexão crítica. *Logos*, 18(1): 44-61.

SANTOS, Francisco C. dos; CYPRIANO, Cristina P. 2014. Redes sociais, redes de sociabilidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 29(85): 63-78.

SANTOS, Francisco C. dos. As faces da selfie: revelações da fotografia social. 2016. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 31(92): 1-1.

THOMPSON, John B. 1998. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes.

TURKLE, Sherry. 2005. *The second self: Computers and the human spirit*. Cambridge: Mit Press.